

Religião e espetáculo: uma análise do discurso das cenas de enunciação de um youtuber umbandista¹

Religion and spectacle: a discourse analysis of the enunciation scenes of an umbanda practitioner youtuber

Religión y espectáculo: un análisis del discurso de las escenas de enunciación de un youtuber umbandista

Ronivaldo Moreira de Souza²

Vania de Toledo Piza³

Mauricio Ribeiro da Silva⁴

Resumo: A migração de uma religião para o ambiente midiático implica em profundas transformações tanto na prática de seus ritos, quanto na maneira de relacionar-se com o sagrado. Criam-se expectativas sobre a performance dos sacerdotes e, como consequência, reconfigura-se o papel dos fiéis no cumprimento de seus deveres religiosos e na participação nos ritos. Tendo em vista que é no discurso que essas práticas sociais se cristalizam, adotamos a Análise do Discurso de Escola Francesa como pressuposto teórico-metodológico com o objetivo de analisar as cenas da enunciação e o *ethos* discursivo do empreendedor umbandista Pai Rodrigo Queiroz. O *corpus* da pesquisa é composto por duas *lives* realizadas pelo sacerdote disponíveis no canal da Umbanda EAD no Youtube. A análise realizada demonstra as implicações da adoção pelo campo religioso da lógica do espetáculo, implicando transformações nas relações entre as noções de sagrado e profano na Umbanda e sua aproximação com a esfera do consumo.

Palavras-chave: Religião. Espetáculo. Youtuber. Umbanda. Análise do Discurso.

Abstract: The religion's migration to the internet means profound changes both in its practices and the concepts of sacred space. In there, new expectations of the priest's performances are created and, as a consequence, a kind of reconfiguration of the faithful roles and the fulfilling their duties' religious and rituals occur. considering the discourse is where the social practices crystallize, we adopted the Discourse Analysis of the French School as a theoretical-methodological assumption as a way to analyze the enunciation scenes and the discursive ethos of the Umbanda priest and entrepreneur Pai Rodrigo

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP - Bolsista PNPd/CAPES), São Paulo, SP, Brasil; ronivaldomds@gmail.com.

3 Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil; vania.toledo@uol.com.br.

4 Professor Titular no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil; silva.mrib@gmail.com.

Queiroz. Two of Queiroz Youtube lives available on the Umbanda EAD channel consist the corpus of this research. The analysis demonstrates the implications of the religious field's insertion on the spectacle's logic, implicating some changes on the sacred and profane notions of the Umbanda religion and its close consumption sphere.

Keywords: Religion. Spectacle. Youtuber. Umbanda. Discourse Analysis.

Resumen: La migración de una religión al los médios de comunicación implica cambios profundos tanto en la práctica de sus ritos como en la forma de relacionarse con lo sagrado. Se crean expectativas sobre el desempeño de los sacerdotes y, como consecuencia, se reconfigura el papel de los fieles en el cumplimiento de sus deberes religiosos y su participación en los rituales. Teniendo en cuenta que es en el discurso donde se cristalizan las prácticas sociales, adoptamos el Análisis del Discurso de la Escuela Francesa como supuesto teórico-metodológico, con el objetivo de analizar los escenarios de enunciación y el ethos discursivo del sacerdote y emprendedor umbanda Pai Rodrigo Queiroz. El corpus de la investigación comprende dos lives realizadas por el sacerdote, disponibles en el canal de YouTube de Umbanda EAD. El análisis realizado demuestra las implicaciones de la adopción por parte del campo religioso de la lógica del espectáculo, implicando transformaciones en las relaciones entre las nociones de sagrado y profano en Umbanda y su aproximación con la esfera del consumo.

Palabras clave: Religión. Espectáculo. Youtuber. Umbanda. Análisis del discurso.

1 INTRODUÇÃO

Para sobreviver em uma sociedade aficionada por imagens e dominada pela lógica do espetáculo, a religião precisou passar por adaptações incorporando tais práticas e, desse modo, a justificando seu lugar na contemporaneidade.

A despeito da certa naturalidade com que este processo ocorreu, tal adaptação implicou algumas mudanças drásticas no campo religioso, modificando desde ações litúrgicas e práticas rituais até chegar ao estabelecimento de uma nova forma na qual tanto indivíduos quanto a sociedade passam a se relacionar com o sagrado. Sob a lógica do espetáculo, a religião agora midiaticizada tende a estabelecer novos papéis tanto para os sacerdotes quanto para os fiéis, incorporando ao campo religioso outros valores extrínsecos a ele como a lógica do consumo e da performance, amalgamando tais dimensões em uma mesma forma de experiência com esse sagrado midiático.

Diante deste cenário e tendo em vista que o discurso é um lugar especialmente importante no qual as práticas sociais se cristalizam e considerando a natureza teatral constitutiva de uma determinada situação de enunciação, adotamos neste artigo a Análise do Discurso de Escola Francesa como método para analisar as cenas da enunciação e o *ethos* discursivo do sacerdote e empreendedor umbandista Pai Rodrigo Queiroz. Selecionamos como

corpus da pesquisa duas *lives* realizadas pelo sacerdote, disponíveis no canal da Umbanda EAD no Youtube.

Iniciaremos com uma breve reflexão teórica sobre a sociedade do espetáculo e as transformações experimentadas pelas práticas religiosas ao adaptar-se à essa lógica. Em seguida, passaremos à análise do corpus selecionado para compor essa pesquisa atentando para a forma como a lógica do espetáculo se manifesta na/pela teatralização constitutiva do processo de produção de sentidos do discurso. Para tornar o texto mais didático, apresentaremos os pressupostos teóricos que fundamentam a Análise do Discurso intercalando-os com a aplicação da metodologia e análise do material empírico selecionado.

2 RELIGIÃO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Sem dúvidas a religião ocupa um lugar de proeminência no espaço social e cultural, orientando comportamentos, definindo condutas e construindo a cosmovisão dos indivíduos que partilham de suas crenças. Muito dessa influência se dá pela maneira como a religião se coloca como ponte entre o homem e a divindade estabelecendo a relação entre sagrado e profano.

Para Eliade (1992), o sagrado é tudo aquilo que se opõe ao profano. Contudo, a despeito da rigorosa oposição antitética, seu conceito de hierofania apontava mais para uma relação de distinção do que de oposição entre estas categorias:

Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos do ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural [...]. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado (ELIADE, op. cit., p. 13).

Assim, o profano é sempre a referência a partir da qual o sagrado emerge. É a imanência na qual a transcendência se manifesta. O profano é o homogêneo de onde emerge a singularidade do sagrado. Portanto, profano e sagrado distinguem, para os mesmos elementos, dois modos de ser no mundo.

A experiência religiosa, segundo Eliade (op. cit.), desenvolve no indivíduo que crê uma maneira diferente de lidar com as dimensões do espaço e do tempo. Para o religioso, o espaço sagrado é distinto do profano por ser qualitativamente mais significativo, possuindo estrutura, força e consistência não encontrada na natureza amorfa e homogênea do espaço profano. O templo, por exemplo, deixa de ser uma mera estrutura arquitetônica que ocupa um espaço na paisagem urbana para tornar-se um limiar entre os dois mundos: o interior sagrado e exterior profano. Torna-se uma delimitação onde a vida profana é transcendida e, simbolicamente, o *locus* onde tanto as divindades descem à terra quanto o homem é alçado ao céu.

O tempo sagrado também parece transcender a linearidade cronológica do profano. Por meio dos ritos, o tempo é constantemente atualizado, predominando nele o tempo mítico, tornado continuamente presente pela reatualização dos ritos. Desse modo, para o indivíduo religioso coexistem duas espécies de tempo: o profano – marcado pela linearidade histórica (passado, presente e futuro) e de natureza irreversível, definido pelos antigos gregos como *chronos* – e o sagrado – caracterizado por um eterno presente, constantemente atualizado pela prática dos ritos, que escapa aos domínios da ordem quantitativa e metrificável (*kairós*). Nas palavras de Eliade,

Tal como uma igreja constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna, o serviço religioso que se realiza no seu interior marca uma rotura na duração temporal profana: já não é o Tempo histórico atual que é presente – o tempo que é vivido, por exemplo, nas ruas vizinhas (ELIADE, op. cit., p. 39).

A partir de outra perspectiva, Berger (1985) percebeu que para o religioso essa relação com o sagrado afetava não apenas a dimensão espaço/tempo distinguindo sagrado e profano, mas, para além, transformava toda a vida social mundana em uma extensão do mundo cósmico. O indivíduo engajado com as suas crenças via até mesmo em seus papéis sociais uma espécie de missão sacralizada, legitimada pelas divindades:

O desempenho humano de um papel depende sempre do reconhecimento dos outros. O indivíduo só se pode identificar com um papel na medida em que os outros o identificaram com ele. Quando os papéis, e as instituições às quais eles pertencem, são investidas de importância cósmica a autoidentificação cósmica com eles atinge uma nova dimensão. Com efeito, agora não só os outros seres humanos que o reconhecem da maneira apropriada ao seu papel, mas também os seres supra-humanos com que as legitimações cósmicas povoam o universo (BERGER, op. cit., p. 50).

Sendo os papéis sociais e as instituições às quais pertencem formas de vivência e experiência com o sagrado, podemos afirmar que para o religioso as mais diversas atividades cotidianas tendem a produzir sentido a partir da orientação dada pela própria religião, a qual representa “o ponto máximo da autoexteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade [...]. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, op. cit., p. 41).

Tanto Eliade quanto Berger dissertaram sobre um sagrado e uma religiosidade não mediada na qual os ritos eram partilhados e comungados em uma mesma dimensão espaciotemporal. Os papéis sociais e as instituições atravessadas e legitimadas pelas crenças possuíam natureza estável. A própria dinâmica da vida social, constitutiva e constituinte das práticas religiosas eram outras.

No final da década de 1960, Guy Debord já apontava para a natureza representativa da sociedade que emergia, aficionada pela imagem e pelo espetáculo. Para ele, essa característica social era tão dominante que lhe permitiu cunhar o termo “Sociedade do Espetáculo”. Nas palavras de Debord (1997, p. 14), o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

Na perspectiva do espetáculo, toda a vida social torna-se performativa e à medida em que o indivíduo participa do espetáculo este tende a se afastar de sua própria essência reconhecendo-se unicamente nas imagens que contempla:

Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele (DEBORD, op. cit., p. 24).

Nessa dimensão espetacular tudo pode ser reificado e a mercadoria figura como uma forma de sacralidade, dando origem a uma nova relação tempo/espaço. O tempo espetacular é o tempo-mercadoria, um tempo consumível, resultante de uma acumulação infinita de intervalos equivalentes. No espetáculo não é o tempo que existe para o homem, mas – sim – o homem que existe para o tempo sendo, inclusive, devorado por ele, pois “é nessa dominação social do tempo-mercadoria que ‘o tempo é tudo, o homem não é nada: no máximo, ele é a carcaça do tempo’” (DEBORD, op. cit., p.103).

Na lógica do espetáculo, em contraste com a hierofania apontada por Eliade, o espaço é unificado em um processo extensivo e intensivo de banalização. Em tal condição, é também tornado mercadoria, uma vez que se transforma em lugar da mercadoria. Ao tornar homogêneo o espaço, a lógica do espetáculo apaga sua realidade e autonomia impondo-lhe o fato de que diante de tal subordinação o que passa a existir não é mais o espaço, mas sim o próprio espetáculo, uma vez que “essa sociedade que suprime a distância geográfica recolhe interiormente a distância, como separação espetacular” (DEBORD, op. cit., p.112).

A lógica do espetáculo também ressignifica os processos comunicacionais que aderem à essa nova relação espaciotemporal. Uma vez que os limites circundantes do espaço e a contiguidade do tempo são substituídos pela sucessão ininterrupta de imagens típicas da natureza do espetáculo, incrementa-se o alcance e extensividade, porém perde-se em profundidade e sentido, conforme depreende-se da afirmação de Baitello Jr.:

Comunicar significa criar um espaço/tempo comum e colocar-se dentro dele. O espaço comum se constrói com a somatória dos espaços individuais, assim também como o tempo comum. Se não temos espaço, se somos apenas o retrato, a imagem de um espaço, não será possível senão uma aproximação tangencial, um contato entre superfícies, sem aprofundamentos (BAITELLO JR, 2005, p. 76-77).

Compreende-se, portanto, que essas transformações culturais, uma vez que atuaram no substrato das relações coletivas, afetaram igualmente as práticas religiosas. Diante da mudança, a religião se via perante o desafio de não somente justificar seu lugar de existência, mas adaptar seus processos à lógica comunicacional própria do espetáculo para não perder adeptos e continuar a suscitar a adesão de novos fiéis.

Por sua vez, é óbvio que o contexto do sagrado tal qual descrito por Eliade – saturado de significado, profundidade e densidade – de algum modo também carecia ser (con)formado à mesma lógica (do espetáculo). Tal qual ocorre na relação com a imagem, no sagrado espetacularizado, a profundidade nada mais é do que um efeito captado pelo olhar do espectador no contato com a superfície. Em outros termos, o sagrado na lógica do espetáculo se experimenta através da multiplicidade de imagens, cujo tempo de interação se reduz de forma a não proporcionar a experiência de aprofundamento, conforme aponta Silva (2020). É um sagrado que se vê sem contemplação; que se consome na própria experiência uma vez que por meio deste ritual espetacularizado “pode-se participar da criação do mundo, no entanto, por

meio do espetáculo, só é possível consumir um mundo que alguém está vendendo. E o que a mídia está vendendo são pálidas releituras do encantamento perdido” (CONTRERA, 2005, p. 121).

Mais detalhadamente, Contrera aponta que a teleparticipação não implica na participação de fato, uma vez que alterações de caráter estrutural se apresentam quando comparados ao ritual propriamente dito. Assim, ladeados, observa-se que no ritual midiático “ao perder-se o caráter gregário e vinculador do ritual, perde-se a possibilidade de transcendência que ele abriga e em seu lugar entram os espetáculos e os rituais de consumo e autoconsumo da vida cotidiana, dentre os quais os da mídia” (CONTRERA, op. cit., p. 119).

Para além, é possível, portanto, afirmar que o próprio conceito de sagrado é alterado nessa relação, de tal modo que não podemos mais falar do sagrado como um substantivo (“O” sagrado), mas sim, apenas como um estado temporário. Ou seja, o sagrado espetacularizado está muito mais ligado à relação transitória com o significado da experiência do que a uma natureza permanente de algo ou de alguém: o sagrado existe somente enquanto durar o espetáculo. Na religião midiática, o tempo e o espaço do sagrado nada mais são do que o tempo e o espaço do espetáculo, pois, “o espetáculo transforma a experiência do culto em experiência da imagem [...]. O culto adquire uma natureza midiática, no sentido mais popular da palavra mídia” (KLEIN, 2004, p. 90).

Klein percebeu que essa adequação religiosa às práticas midiáticas operou um duplo movimento: de um lado a incorporação da lógica midiática pela religião reconfigurando suas práticas rituais e culturais; do outro, treinando o olhar do espectador/fiel para capturar essa forma espetacular do sagrado:

A teleparticipação (tele, do grego, é distância) não se restringe apenas às mídias eletrônicas, mas se inscreve de forma definitiva no espaço físico do templo. Os pastores aparecem no início das celebrações e no final desaparecem sem deixar vestígios. A distância em relação aos fiéis é a mesma que as estrelas da TV preservam diante dos fãs [...]. Ou seja, cultos são imagens de TV, mesmo que lá não estejam as câmeras, até porque esteticamente fica difícil distinguir os auditórios de televisão dos espaços destinados às novas reuniões religiosas. Ao fenômeno das igrejas eletrônicas precisamos somar o fenômeno da crescente incorporação do olhar televisivo na experiência do sagrado. A televisão passa a fornecer as medidas e os critérios para o culto, através da transformação gradativa da comunidade religiosa em público. Este reage ao pastor como o auditório reage ao animador do programa (KLEIN, op. cit., p. 90).

Cabe a ressalva de que apesar do objeto de estudo de Klein ter como foco as transmissões televisivas, os apontamentos resultantes de sua investigação são aplicáveis a outras mídias, como é o caso do objeto de estudo deste trabalho.

3 DISCURSO, ESPETÁCULO E RELIGIÃO: AS CENAS DA ENUNCIÇÃO NAS LIVES DE PAI RODRIGO QUEIROZ

Como ponto de partida precisamos afirmar a nossa posição de que, para além de uma metodologia, a Análise do Discurso figura como um pressuposto teórico-metodológico. Disto isto, passamos em seguida a esclarecer os conceitos e pressupostos que adotaremos para embasar a aplicação da metodologia no corpus selecionado.

Primeiramente distinguimos a noção de discurso que adotamos, bem como o objeto de estudo dessa disciplina:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2005, p. 15).

Com suas bases epistemológicas centradas em três áreas do conhecimento – o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso (BRANDÃO, 2004, p. 38) –, a Análise do Discurso parte do pressuposto de que o discurso tem importância central na construção da vida social (GILL, 2002, p. 245-246) e, desse modo, o trabalho do analista não é “interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2011, p.19).

Pensando no foco temático no qual se delimita a seleção do corpus dessa pesquisa (BARTHES, 2006, p.103), adotaremos a noção de Cenas da Enunção entendendo que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2004, p.85).

Desde sua proposta de análise de textos de comunicação, Maingueneau (op. cit.) adotou

a metáfora teatral para explicar o processo de produção de sentidos em textos que circulavam pelos meios comunicacionais. Partindo da Teoria da Enunciação proposta por Bakhtin (1997) – cujo objetivo principal é evidenciar que existe uma parte não verbal que é constitutiva de sentidos, em qualquer ato de comunicação –, Maingueneau sistematizou esse processo de encenação engendrado pelos interlocutores em uma situação de comunicação, dividindo-os de forma didática⁵ em três cenas: 1) A cena englobante – define a que tipo de discurso um texto pertence; 2) A cena genérica – se estabelece em contexto específico sob papéis e circunstâncias inscritas no discurso tais como: sua finalidade e seu suporte material; 3) A cenografia – se constitui numa verdadeira armadilha para o coenunciador, fazendo passar sua cena englobante e sua cena genérica quase que imperceptivelmente. Nas palavras do autor, essas cenas se esforçam para “atribuir a seu destinatário uma identidade em uma cena de fala” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008. p. 97).

O encadeamento dessas cenas no processo de produção do discurso opera um duplo movimento no qual o discurso valida a encenação e a encenação legitima o discurso, pois, “o discurso encena seu próprio processo de comunicação, uma encenação inseparável do universo de sentido que o texto procura impor” (MAINGUENEAU, 2008. p. 51).

Sobre a cena englobante do corpus analisado podemos definir que a tipologia do discurso o inscreve como um discurso religioso. Maingueneau (2008, p. 37) classificou o discurso religioso quanto à sua tipologia como um discurso constituinte cuja pretensão é “não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles”. O autor assinala algumas características peculiares dessa tipologia discursiva:

Existe uma interação constante entre discursos constituintes e não-constituintes, assim como entre discursos constituintes. Mas faz parte da natureza dos discursos constituintes negar essa interação ou pretender submetê-la a seus princípios [...]. Discursos como o religioso [...] se definem pela posição que ocupam no interdiscurso, pelo fato de não reconhecerem discursividade para além da sua e de não poderem se autorizar senão por sua própria autoridade [...]. Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são a garantia de múltiplos gêneros do discurso [...], possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras [...]. Para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legitimadora. Eles são ao mesmo tempo auto e heteroconstituintes [...]. O

5 Afirmamos que essa subdivisão possui caráter estritamente didático já que, na prática, a embricada relação entre as três cenas na trama discursiva passa imperceptível ao olhar não treinado.

paradoxo constitutivo do funcionamento de tais discursos é que esse Absoluto que os autoriza é supostamente exterior ao discurso para lhe conferir sua autoridade, mas deve ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo (MAINGUENEAU, 2008, p. 37, 38, 39).

No entanto, no caso do corpus analisado nessa pesquisa, apesar de manter um funcionamento discursivo que nos permitiria classificar sua tipologia como discurso religioso ou, retomando Maingueneau, discurso constituinte, sua cena genérica precisa adaptar-se à modalidade e às regras de seu suporte de veiculação.

O gênero midiático *Live*⁶ adotado pelo sacerdote umbandista Pai Rodrigo Queiroz, ao mesmo tempo que lhe permite aglutinar e transitar pelos vários gêneros do discurso religioso – sermão, aconselhamento, testemunho etc. –, lhe impõe restrições de formato, roteiro e processos comunicacionais típicos desse tipo de transmissão ao vivo para as redes sociais.

Apesar de se caracterizar como uma transmissão ao vivo, a *live* fica disponível após sua realização para que seja acessada de modo assíncrono pelos internautas sendo que, com razoável frequência, sua audiência é muito maior em termos quantitativos depois de encerrada. Desse modo, é preciso pensá-la não apenas por ocasião de sua transmissão síncrona, mas também como uma elaboração que se adeque ao formato de mídia exigido pelo canal em que ficará disponível para visualizações posteriores. No caso do *corpus* dessa pesquisa, observa-se que o conteúdo foi elaborado para permanecer disponível na plataforma Youtube após sua transmissão.

Vídeos para o Youtube exigem um roteiro de criação preestabelecido cujo objetivo é oferecer conteúdo relevante para um determinado segmento ou público-alvo. Para tal, é preciso identificação prévia dos principais interesses do público a quem se destina a mensagem, tais como: comportamentos, preferências, padrões de consumo etc. É isso que norteará a elaboração da estrutura narrativa e da ordem de assuntos de modo a torná-los coerentes e atraentes valendo-se, inclusive, do uso de palavras-chave e linguagem simplificada.

Fica evidente que a estratégia discursiva adotada pelo umbandista preserva a natureza tipológica do discurso ao mesmo tempo em que incorpora as regras de coerção que o formato

6 Apesar de indicar a princípio qualquer transmissão ao vivo, entendemos que a *live*, popularizada especialmente no período de isolamento social em decorrência da pandemia do Corona Vírus, se consolidou como um gênero midiático com formato típico para circular nas mídias sociais capazes de rede. No entanto, por não ser o foco investigativo desse trabalho e pela restrição de espaço para discorrer sobre o tema, abordaremos o assunto mais profundamente em pesquisas posteriores.

mediático exige, não apenas do ponto de vista estético, mas, também, da lógica do espetáculo aderindo ao sistema *on demand*, produzindo um conteúdo para consumo.

Rodrigo Queiroz inicia uma de suas *lives* afirmando que ela resulta de uma pesquisa prévia na qual sondou a opinião dos inscritos em sua lista de e-mails sobre as práticas rituais domésticas, ou, sobre a prática dos ritos em casa realizadas pelo próprio fiel. Aqui é importante destacar que além de um sacerdote da religião, Rodrigo também é um empreendedor: idealizador da marca Umbanda EAD que oferece cursos à distância sobre as doutrinas e as práticas da Umbanda. O sucesso desse primeiro empreendimento o levou a criar a loja online *Terra Mystica* na qual vende produtos como ervas, velas, livros e-books, entre outros produtos, cuja finalidade, segundo descrição do próprio portal, é fornecer materiais e instrução para prática dos ritos em casa.

O sacerdote inicia dizendo que a pesquisa que antecedeu a *live* revelou a aceitação da maioria sobre a prática dos ritos no ambiente doméstico, mas, também, a resistência de um outro grupo mais conservador. Destacamos que toda a sua exposição parece argumentar em favor da prática que lhe é convenientemente correta, como se defendesse sua posição diante dos que lhe são contrários, mesmo que ele próprio, inicialmente, alegue que se trata de uma minoria:

(05:10) Acontecem algumas devolutivas [...] de temeridade. Há quem tem muito medo de ensinar as coisas e acredita que com isso vai banalizar o sagrado, o ritual. Tudo depende de quem e de como ensina, para que que ensina. Acho que a gente tem que partir desse princípio, ne? [...] Por exemplo, a Terra Mystica que é a loja do Umbanda EAD, eu mesmo preparo o ritual mensal que a gente chama de Caixa Mystica. Você compra, recebe os materiais necessários para fazer aquele ritual e [...] o link para o e-book ensinando, guiando você para fazer durante sete dias uma atividade de firmeza em casa. Eu faço isso com toda segurança porque é exatamente o que eu ensino para os médiuns da casa em qualquer nível de vivência e desenvolvimento. Não há pré-requisito, basta ser umbandista [...] e querer interagir com o sagrado dentro do seu campo de fé em casa (06:32) (QUEIROZ, ago. 2019)⁷.

Observemos como a tipologia discursiva sustenta um lugar de fala maximamente autorizado. Diante da temeridade de banalizar o sagrado, o sacerdote cria pelo próprio dizer a autoridade do lugar de fala que o discurso engendra. Ao afirmar que “tudo depende de quem e

7 QUEIROZ, Rodrigo. Ao Vivo Extraordinário Perguntas e Respostas Ed. 81 com Pai Rodrigo Queiroz. Youtube, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LnB2wgEvOdU&t=1930s>>. Acesso em jun. 2020.

como ensina”, o expoente não dissolve a temeridade, mas, realoca para um sujeito distante do qual ele próprio se distingue no período seguinte: “Eu faço isso com toda segurança porque é exatamente o que eu ensino para os médiuns da casa em qualquer nível de vivência e desenvolvimento”. A Fonte legitimadora do seu dizer no discurso é a mesma que o autoriza como um mentor e instrutor de uma proposta religiosa mais adequada à cultura do faça você mesmo, típica do suporte no qual o discurso se inscreve (o Youtube) e, porque não dizer, do mimetismo característico da cultura do espetáculo.

É desse lugar de fala maximamente autorizado pelo próprio dizer que Rodrigo se vale do funcionamento discursivo característico da tipologia religiosa para determinar o lugar dos outros sujeitos falantes, ou, dos discursos com os quais confronta:

(06:34) A gente ainda vive numa penumbra de fantasia, de discurso do medo, de proibitividade dentro do ambiente religioso onde se pretende controlar o incauto através dessas manobras retóricas [...]. Hoje a gente está em pleno século XXI [...] e manter um discurso sobre o mundo espiritual baseado em cem anos atrás é, no mínimo, uma estúpida tentativa de manter ancorado um tempo que já não existe mais (07:22) (QUEIROZ, ago. 2019).

Pelo dizer, ele estabelece um lugar para o discurso outro afirmando-o como sombrio, fantasioso, proibitivo, cuja finalidade é controlar os incautos, encerrando-os na estupidez de um modelo arcaico deteriorado pelo tempo. Ao atribuir esse lugar de fala ao coenunciador que lhe é contrário, atribui a si mesmo um lugar correlato de clareza, lucidez libertária e conhecimento pertinente e relevante para o seu tempo.

No entanto, o elemento estratégico mais importante desse discurso e que possibilita o seu processo de significação é a encenação que a própria enunciação autoriza e que estabelece para a natureza tipológica e genérica desse discurso uma nova relação com seu enunciatário.

4 A CENOGRAFIA DO DISCURSO NAS *LIVES* DE RODRIGO QUEIROZ

A cenografia opera por meio do deslocamento do quadro cênico do discurso para o segundo plano, possibilitando que o enunciatário receba o texto não em função de sua tipologia ou gênero, mas pela cenografia na qual o discurso se apresenta.

Segundo Maingueneau (2008, p. 51), a cenografia configura um mundo que, em retorno, valida sua emergência, pois, trata-se de um quadro e “um processo de inscrição legitimante que traça um círculo: o discurso implica um enunciador e um coenunciador, um lugar e um momento

da enunciação que valida a própria instância que permite sua existência”.

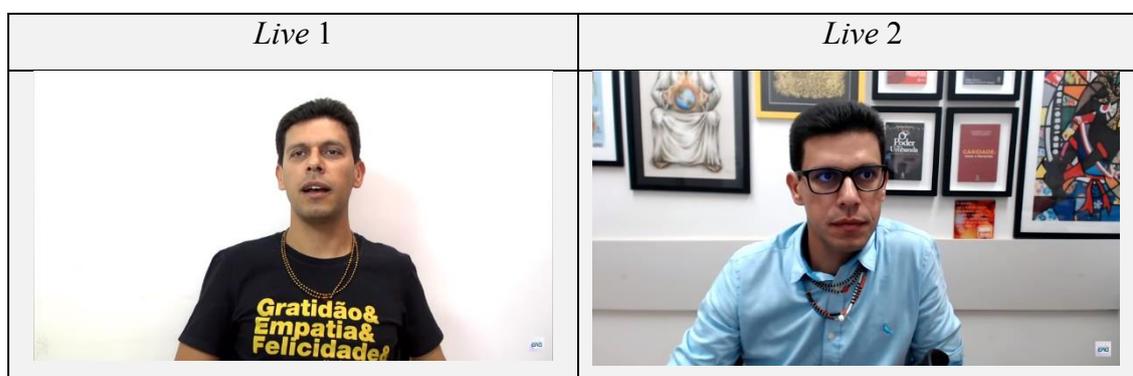
Existem três características que são constitutivas de uma cenografia: 1) ela estabelece uma figura de enunciador e uma figura correlativa de coenunciador; 2) constrói uma cronografia – momentos de enunciação; 3) e uma topografia – O conjunto de lugares dos quais o discurso emerge (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 96).

Para funcionar na trama discursiva, a cenografia se apropria de uma cena de fala validada, já consolidada no imaginário social, e estabelece um lugar para o enunciador e outro correlato para o enunciatário. Seu funcionamento depende que o enunciatário aceite o lugar que é consignado na cenografia, assumindo o seu papel na trama discursiva.

A cenografia do corpus analisado nessa pesquisa possui um cenário simples. Normalmente o enunciador aparece sentado com um enquadramento de câmera de plano médio. Na primeira *live* a parede branca ao fundo contrasta com a camiseta em cor preta que traz os seguintes dizeres em letras douradas: “Gratidão& Empatia& Felicidade& #vidaplena”.

Na segunda *live* analisada⁸, o enquadramento de câmera e a postura do enunciador é semelhante, exceto pela mudança no cenário onde a parede branca ao fundo ganha uma série de quadros sendo, alguns deles, capas de livros escritos pelo enunciador ou em coautoria.

Tabela 1 - Cenário utilizado para a construção cenográfica do discurso



FONTE – Imagens do Youtube, canal Umbanda EAD (2020)

A princípio, o cenário constrói a ideia de algo mais intimista. De um lado da tela o enunciador em uma sala cujos limites são estabelecidos pelas bordas da imagem. Do outro, o interlocutor que acessa esse cenário da tela de algum dispositivo móvel ou do computador.

8 QUEIROZ, Rodrigo. Umbanda 111 Anos: Ao Vivo Ed.92 - Umbanda EAD - Rodrigo Queiroz. Youtube, novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4AiLyg4Qn1k&t=17s>>. Acesso em jun. 2020.

Partindo disto, o enunciador estabelece uma espécie conversa franca e privada com seu interlocutor.

No entanto, a cenografia construída tanto pelo dizer do enunciador quanto pela postura que assume ao longo do seu dizer (o *ethos* discursivo) encena os procedimentos rituais que ocorrem no Terreiro, uma cena validada e consolidada no imaginário daqueles que partilham o mesmo sistema de crenças:

(2'51'') Saravá, Umbanda, muito bom dia, Axé, Mojubá. Estamos iniciando mais um ao vivo extraordinário, espontâneo, repentino aqui na Umbanda EAD, edição 81, com uma proposta livre de responder os questionamentos gerais que você pode lançar, com *delay* para daí a Júlia ver, ela me falar e eu tentar responder, como acontece com a mediunidade né? A entidade pensa, ela fala, o médium processa e fala diferente. A gente vai tentar fazer isso aqui funcionar melhor. (3'29'') (QUEIROZ, ago. 2019).

Desse modo, a *live* segue o roteiro estrutural de um culto no Terreiro⁹: o pai-de-santo abre os trabalhos, traz alguns conselhos e exposição da doutrina umbandista e depois abre para consultas, ou seja, para o momento em que passa a responder as dúvidas e dar conselhos aos seus fiéis/internautas.

Ao assumir esse lugar de fala (o do médium) o enunciador atribui ao enunciatário um lugar correlato: o do fiel ou consulente. Essa encenação criada pelo discurso ao mesmo tempo em que autoriza o dizer é validado por ele.

Para compreender esse processo com mais clareza, retomaremos o assunto do tópico anterior. Rodrigo Queiroz defende a posição de que a prática dos rituais em casa é não apenas válida como também representa indícios de um processo libertário e descentralizador da religião. Para isso, o pai-de-santo retoma sua crítica aos que acreditam que o ensino dos rituais para a prática doméstica pode banalizar a religião e/ou ser perigoso para o fiel:

(08:02) Se você ascender uma velinha você simplesmente dispara o gatilho da incorporação. É isso que você tá dizendo? [...] Portanto, se você não é preparado poderá atrair espíritos ruins: quiumbas, almas penadas e a loira do banheiro, talvez? É coisa desse tipo que querem dizer?
E aí eu fico mais preocupado ainda com esse discurso, discurso esse que eu acreditei por muito tempo – é importante também eu dizer que assim como

9 Falamos aqui de um modelo geral, uma vez que – na prática – o culto umbandista, apesar de aparentar relativamente homogêneo, apresenta variações na forma de realização dos rituais, seguindo determinações de cada terreiro.

“você – talvez –, eu um dia acreditei em tudo isso. Eu tenho que dizer que eu aprendi assim. Só que eu sou o filho rebelde, né? Então, simplesmente [...] não vou aceitar aquilo que não faz sentido. Aquilo que eu testei na prática e comprovei o contrário.”

O processo de libertação, de renovação, de decisão de ressignificação da religião no seu dia-a-dia é justamente a meu ver o processo de entendimento do conhecimento, isso é empoderamento que a gente tanto fala aqui na Umbanda EAD e você ter a serenidade, a paz e a tranquilidade de saber que não há que dissociar o sagrado de você o tempo todo, ou seja, só quando eu vou ao terreiro é que eu acesso o sagrado, que aquele sagrado não pode estar no meu lar (10’18”) (QUEIROZ, Ago. 2019).

O tom irônico e sarcástico da fala do enunciador tenta subverter o discurso com o qual estabelece a polêmica. Isso fica evidente na primeira parte do texto em expressões como “ascender uma velinha” e em “atrair espíritos ruins [...], [como] a loira do banheiro”. O uso do diminutivo e a apropriação de uma história infantil que circulava entre os alunos na idade escolar – provavelmente utilizada para coibir os constantes pedidos para sair da sala e ir ao banheiro durante a aula – atribui ao discurso de posicionamento contrário o lugar de uma fábula, uma invenção ridícula camuflada pela máscara de um apego à tradição.

As perguntas retóricas nesse trecho – “é isso que você tá dizendo?”; “é coisa desse tipo que querem dizer?” – tentam confrontar o indivíduo com a natureza ridícula de seus próprios argumentos que, na verdade, não são os seus (do enunciatário), mas sim, os argumentos do enunciador construídos a partir da fala do enunciatário.

Para assegurar a empatia do enunciatário, o enunciador estabelece uma relação de identificação, um lugar comum que ele já partilhou com seus interlocutores e do qual deseja que seu enunciatário saia. Verificamos isso no trecho “é importante também eu dizer que assim como você – talvez –, eu um dia acreditei em tudo isso [...]. Só que eu sou o filho rebelde, né?”. As palavras do sacerdote surgem como uma confissão, a revelação de uma fraqueza da qual se libertou por sua atitude rebelde. Mas, ao mesmo tempo em que o enunciador constrói um lugar de fala de um sujeito revolucionário, condena, pelo mesmo dizer, esse lugar de passividade incauta atribuído ao enunciatário.

Esses dois movimentos iniciais do discurso permitem a Rodrigo Queiroz falar como um sacerdote inovador que pensa a religião por uma visão mais crítica e libertária. Portanto, seus ensinamentos e treinamentos para que os fiéis pratiquem os ritos em casa são confiáveis porque foi advindo de sua experiência pessoal e desmistificadora das “falácias” que circulam no discurso da própria religião da qual é sacerdote: “O processo de libertação, de renovação, de

decisão, de ressignificação da religião no seu dia a dia é justamente a meu ver o processo de entendimento do conhecimento, isso é empoderamento que a gente tanto fala aqui na Umbanda EAD”.

Nesse ponto, observamos que há uma legitimação de um duplo lugar de fala. Tanto o sacerdote umbandista quanto o empreendedor da marca Umbanda EAD se colocam como fiadores do discurso da marca operando sob o mesmo *ethos* revolucionário.

5 O MÉDIUM, A MARCA E A MÍDIA: O *ETHOS* DO FIADOR DO DISCURSO

Começamos por afirmar que o sucesso em conquistar a adesão “consiste em atestar o que é dito na própria enunciação, permitindo a identificação com uma certa determinação do corpo” (MAINGUENEAU, 1997. p. 49).

A maneira como o enunciador fala remete a uma maneira de ser e, desse modo, transforma-o no fiador do discurso que enuncia. Quando tratamos de seu modo de ser, não nos referimos a uma mera caracterologia, mas, sim, a estereótipos culturais que circulam nos domínios mais diversos. Em outros termos, o caráter e corporalidade do fiador advêm de “um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las” (MAINGUENEAU, 2004. p.99).

Por meio de sua fala, o fiador deve conferir a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele construirá em seu enunciado. Nesse ponto se instaura um paradoxo constitutivo: é no próprio enunciado que o fiador legitima sua maneira de dizer (MAINGUENEAU, 2004. p.99). A eficácia do discurso e seu poder para suscitar a adesão residem na compreensão clara de que o coenunciador não é um sujeito a quem são propostas ideias que correspondam aos seus interesses. Ele é alguém que tem acesso ao dito por uma maneira de dizer enraizada numa maneira de ser. A eficácia do discurso está ligada à competência do enunciador em incorporar os valores que prega.

Fica evidente que esse caráter que o enunciador atribui a si mesmo ao tomar a palavra, é construído tanto pelo que diz – a escolha das palavras, os argumentos –, quanto pelo que mostra – aparência, fluência, entonação calorosa ou severa –, durante o seu discurso (DUCROT, 1987, p.188-189).

Esse é o conceito de *ethos* discursivo adotado pela Análise do Discurso. Como bem

afirma Barthes, trata-se muito mais de uma encenação engendrada pelo próprio discurso do que traços reais de uma personalidade do sujeito, ou seja,

são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditorio (não importando muito sua sinceridade) para causar uma impressão favorável [...]. Em sentido próprio, o *ethos* é uma conotação: o orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso; eu não sou aquilo (BARTHES, 1993, p. 143, tradução nossa).

Voltemos ao corpus analisado, verificando como o dizer do sacerdote constitui um duplo movimento dentro da cenografia proposta: primeiramente constituindo o lugar de fala de um médium revolucionário para, em seguida, torná-lo fiador do discurso da marca Umbanda EAD.

O médium

Tanto na primeira quanto na segunda *live* analisada Rodrigo Queiroz, que conta com uma presença física jovial, constrói o *ethos* de um sujeito crítico e franco no dizer. Contudo, o modo sereno como se expressa estabelece um limite para que esse *ethos* não se confunda com arrogância espúria. O enunciador recorre muito à ironia e ao sarcasmo ao longo da construção de seu discurso, mas a serenidade de sua fala complementa o *ethos* de um crítico prudente, cujas denúncias são advindas de uma lucidez ética para com a própria religião na qual indica sua pertença como sacerdote ao mesmo tempo que aponta seus desvios. Desta forma o sacerdote constrói um *ethos* discursivo cujos traços do caráter são constituídos tanto pelo que diz quanto pelo modo como diz, indicando um sujeito autocrítico, lúcido e revolucionário. Vejamos, por exemplo, o trecho inicial de sua *live* transmitida no dia 14 de novembro de 2019. A transmissão ao vivo tinha como tema a comemoração dos 111 anos da religião:

(1:43) Nosso tema aqui é refletir um pouco sobre esses 111 anos de Umbanda [...]. Eu perguntei para a equipe: vocês querem que eu fale sobre “Viva Umbanda”, ou, “O que temos a comemorar”? E aí eles falaram: vamos ser fofinhos né? Vamos falar de “Viva a Umbanda” [...]. Eu tô colocando aqui pra vocês porque [...] honestamente, sinceramente, eu sempre tenho um pouco de dificuldade de bater muita palma quando há um olhar muito crítico para um monte de coisa que tá acontecendo a olhos vistos, ne? (2:22) (QUEIROZ, nov. 2019).

Por meio de um constante jogo de antecipação discursiva, Rodrigo produz um efeito de discurso de clarividência, compatível com o seu lugar de fala como médium. Característico da

tipologia discursiva religiosa, o discurso se ancora em um lugar de fala de um sujeito onisciente e, desse lugar, antecipa constantemente o dizer de seus interlocutores.

Essas duas características em diálogo na dinâmica discursiva do pai-de-santo consolidam o lugar de fala de um sujeito de visão crítica revolucionária e de franqueza no falar. É o que se percebe, por exemplo, quando antecipa os argumentos dos que temem a banalização dos ritos por suas práticas domésticas, tema do primeiro vídeo analisado: “se não te liberta, se não te dá o caminho de autonomia, então, há algum interesse, algum interesse malvado escondido aí. Vou na veia mesmo. Me prove o contrário” (11:17 – 11:42).

Na afirmação de que há algum interesse malvado por trás desse suposto medo de banalização, Rodrigo se apropria do discurso outro e o recoloca em sua fala como se, de algum modo, ele tivesse apanhado o seu interlocutor em um flagrante desmascarando suas intenções. Em seguida, afirma seu lugar de franqueza na frase: “vou na veia mesmo”.

A marca

À medida em que o sacerdote youtuber consolida esse *ethos* do crítico revolucionário e franco no dizer, pelo próprio discurso torna-se fiador da marca Umbanda EAD, que atua como mentora e formadora de fiéis na doutrina umbandista além, é claro, de sua loja virtual que vende produtos para a prática dos ritos em casa.

Voltando à primeira *live* analisada, Rodrigo afirma que esse discurso religioso baseado no medo deixa as pessoas vulneráveis e, portanto, passíveis de serem controlados pelos indivíduos ditos “preparados”. Em seguida, diz que sua atitude de não acreditar cegamente nas instruções proibitivas quanto à prática dos ritos que se ensinava nos terreiros o levou a fazer experiências constatando exatamente o contrário do que se ensinava. Essa construção discursiva de um *ethos* rebelador e revolucionário o coloca na condição de fiador do discurso da marca como inovadora, como agente de um processo de avanço libertário, revolucionário e ressignificador da prática religiosa:

(17:32) “Um curso que propõe ensinar processos de ritualizar, de praticar a Umbanda no lar ele tem como premissa a certeza de que todos podem, mas, é tudo uma questão de instrução [...]. Então antes de ascender o alarme [...] da temeridade, do que pode ser uma profanação, entenda, acesse esse conteúdo, saiba o que ta sendo ensinado, prometido e desempenhado para daí tomar as suas próprias conclusões” (18:09) (QUEIROZ, ago. 2019).

Na segunda *live* analisada essa estratégia discursiva é ainda mais evidente. Dentro da temática dos 111 anos da Umbanda, Rodrigo inicia sua fala com uma abordagem crítica sobre o surgimento da religião que, segundo ele, foi marcada por preconceitos vindos do espiritismo kardecista. Ele afirma que nesse sentido a Umbanda é, em sua própria história de fundação, uma religião revolucionária.

Ao construir sua narrativa, Rodrigo transita com rara habilidade discursiva entre a história da religião e a marca comercial Umbanda EAD, da qual se coloca como fiador discursivo. A maneira como o expoente constrói a ponte entre os fatos históricos da religião e os produtos oferecidos pela marca para na sequência retomar ao assunto inicial, tema da *live*, faz com que a marca e seus produtos integrem a construção de uma mesma história e identidade da religião. Como se a marca fosse uma espécie de guardiã da história e símbolo do processo formador e revolucionário da religião:

(21:34) Então eu vou fazer o sorteio aqui de três exemplares. Aí se você não ganhar você pode comprar, ne? [...] Eu sou muito pragmático, assim, eu penso que todo umbandista tem que ler esse livro [...]. Porque se você não conhece o seu passado você não entende o que tá rolando aqui nesse presente [...], nesses 111 anos. E se você não entende o que tá rolando aqui nesses 111 anos não tem como você pensar em 120, 150, 200 anos de uma religião. E há uma diferença entre aquele que vive a religião só pelo seu interesse, desejo e realização pessoal – que eu estava falando anteriormente –; e aquele que engaja-se na religião [...]. Como adquirir o livro? [diz Rodrigo lendo a pergunta de um dos internautas nos comentários]. Na loja Umbanda EAD você consegue comprar [...], terramystica.com.br [...]. Agora, ao falar dos 111 anos da Umbanda eu quero trazer esse processo histórico (24:11) (QUEIROZ, nov. 2019).

Nota-se como o discurso cria uma personalidade na relação médium-religião-fiel-marca. O expoente começa com a afirmação “eu sou muito pragmático”, característica que integra o *ethos* construído pela sua maneira de dizer. Em seguida vai para o geral, para um dever de todo praticante da religião na afirmação “todo umbandista tem que ler esse livro”. Depois, ele leva a relação para o campo pessoal: “Porque se você não conhece o seu passado você não entende o que tá rolando aqui nesse presente”. Por fim, apresenta a marca Umbanda EAD como mediadora e agente de transformação entre a maneira errada e a correta de se viver a religião.

A construção argumentativa do expoente nessa direção também fica evidente no trecho seguinte. Ao falar sobre a história revolucionária do surgimento da Umbanda, argumenta:

(28:57) A Umbanda é uma religião de revolução. É tema desse livro aqui [diz Rodrigo apontando para um quadro atrás de si, na parede, com a capa do livro “O poder da Umbanda”]. Se você não leu O Poder da Umbanda você tem que ler. A história contada nesse tom, tá aqui [aponta novamente para o quadro]. Esse aqui eu vou sortear autografado porque é meu mesmo, né? Três exemplares. Hoje tá bom o dia, tô bonzinho! [...] E aí, três momentos ali é esse né? A rejeição, a expulsão, preconceito” (29:38) (QUEIROZ, nov. 2019).

Verifica-se, como no trecho anterior, que a obrigatoriedade dos ritos de consumo da marca se confunde com a obrigatoriedade dos ritos religiosos inerentes à Umbanda em trechos como “Se você não leu O Poder da Umbanda você tem que ler”.

A mídia

Há que se destacar, no entanto, que as características participativa e interacionista das mídias sociais representam constantes ameaças a esse lugar de fala e a esse *ethos* constitutivo do dizer do enunciador.

Se no terreiro a palavra do médium é absoluta e irrefutável, não passível de questionamentos ou contradições, no ambiente virtual o discurso precisa negociar constantemente seu estatuto com seus coenunciadores. Alguns desses momentos representam ameaças e constrangimentos ao enunciador.

Na primeira *live*, após construir um longo argumento em defesa da prática dos ritos em casa, uma voz entra ao fundo, provavelmente de sua assistente, trazendo uma pergunta que foi feita nos comentários acompanhados ao vivo pelos demais internautas: “Então a gente não precisa de Pai de Santo?”. A pergunta capciosa coloca o enunciador diante de uma necessidade de responder à internauta, mas, ao mesmo tempo, buscar manter os traços característicos de seu *ethos* discursivo:

(18:46) A Denise falou então que a gente não precisa do Pai de Santo. Essa é uma completa distorção do que eu estou falando né, então o católico não precisa de padre, não é? O budista não precisa do seu líder, como é que é? O judeu não precisa do seu rabino, estou falando em entender ou simplesmente distorcer, então quer dizer que o papel do Pai de Santo é o que? Defumar? Acender velinha? Ritualizar, é esse o papel do Pai de Santo. Então está tudo errado aqui. O que a gente está falando, o que a gente está fazendo nessa porra (sic) toda? Qual é o papel do sacerdote? Precisa entender. O sacerdote é o que? Ele é alguém que fica fazendo ritual ou ele é um líder espiritual? Porque o ritual tem um chamado. Se você vai a um terreiro falar para qualquer médium da corrente para abrir a gira, eles vão saber fazer. Então não precisa de mim. Vão saber fazer. Pode ter aquela insegurança repentina, mas vão saber fazer porque vê fazer aquele negócio toda vez porque, se não decorou, daí eu vou

ficar bravo, então para fazer o ritual não precisa do Pai de Santo! Qual é o papel do sacerdote? Vamos pensar sobre isso. Vamos lá? Tem mais alguém? Vamos já abrir para perguntas (20;31) (QUEIROZ, ago. 2019).

Observamos que a resposta do pai-de-santo compromete, em certo sentido, a serenidade e a temperança característica de seu *ethos* discursivo em trechos como “o que a gente está fazendo nessa porra”, no qual se mostra visivelmente irritado com a petulância da interlocutora. É provável que no ambiente de um terreiro o médium não estaria exposto a esse tipo de questionamento provocador. Do mesmo modo, podemos afirmar sobre a consulente que, provavelmente, não faria este tipo de questionamento, nesse mesmo tom, ao médium durante uma consulta. Contudo, a característica de participação livre possibilitada pelas redes sociais exige dos parceiros da situação de comunicação uma constante negociação entre os papéis assumidos e os comportamentos assumidos por esses novos papéis.

Desse modo, o médium convive com o constante desafio de construir um *ethos* discursivo revolucionário e libertário e, ao mesmo tempo, conviver com as intervenções simultâneas de seus interlocutores, muitas vezes, de posicionamentos contrários ao que ele está falando.

Na segunda *live*, por exemplo, Pai Rodrigo Queiroz inicia a transmissão interagindo com os internautas. Primeiramente, começa perguntando se no terreiro onde os internautas frequentam haverá “Gira”¹⁰ em comemoração aos 111 anos da Umbanda. Ironicamente Rodrigo afirma que raramente isso acontece e que os Terreiros não comemoram o aniversário da Umbanda na data porque cai no feriado:

isso é uma provocação irônica [...] porque sabemos também que pouco se comemora a data da Umbanda no dia da Umbanda [...]. No dia 15 é feriado e fica todo mundo não querendo fazer, arriscar de fazer uma convocação pública [...]. E isso diz muito sobre nós [...]. Aí é outra provocação que fica aí no ar, você pesca se quiser (3:24 – 4:10) (QUEIROZ, nov. 2019).

Apesar da fala, a interação dos internautas nos comentários parece contradizer o que o médium afirma, uma vez que vários espectadores afirmam que em seus Terreiros ocorrerá a “Gira” no feriado.

Em seguida o expoente faz uma segunda pergunta e pede a resposta dos internautas nos comentários: “quantos anos de Umbanda você tem?”. As respostas começam a surgir

10 O termo “Gira”, no meio umbandista, é utilizado como modo de expressar a realização do culto no terreiro.

imediatamente e ele começa a ler algumas delas. Enfatiza a resposta de um dos internautas que afirma ser umbandista há apenas 5 meses: “talvez seja o mais jovem umbandista entre nós aqui [...]. Deve estar naquela fase do encantamento, do tesão né? Aquele negócio que não para. Só pensa nisso, só fala disso, só quer saber disso” (8:15 – 8:42) (QUEIROZ, nov. 2019). A respeito da ironia do expoente, uma das internautas reage em sua resposta de maneira igualmente irônica: “12 anos de Umbanda e continuo com o mesmo tesão”.

É interessante que em ambos os casos, Rodrigo ignora os comentários que contrariam suas afirmações, não realizando a leitura pública em sua *live*. A decisão de ignorar esses comentários também se revela ameaçadora para um *ethos* discursivo que promete libertar os indivíduos oferecendo-lhes conhecimento e dando-lhes autonomia para pensar. Entre as práticas mediúnicas no terreiro e o *ethos* mediúnico e midiático construídos discursivamente por Rodrigo Queiroz para satisfazer as exigências técnicas do meio sob a lógica do espetáculo, existem caminhos que o fenômeno ainda incipiente dos youtubers umbandistas precisam percorrer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado na construção deste trabalho nos permitiu analisar o modo como práticas religiosas tradicionalmente não midiáticas – como é o caso da Umbanda – tem se apresentado em ambiente midiático, verificando o modo como a lógica do espetáculo e as ações voltadas ao consumo se cristalizam pelas/nas práticas discursivas.

Verificamos que o sacerdote e youtuber umbandista Rodrigo Queiroz adapta seu modo de dizer às exigências que o suporte de mídia determina para natureza do gênero *live*, por ele utilizado. Assim, o enunciador procura encenar discursivamente o mesmo processo presente na prática religiosa no terreiro, o qual envolve a relação entidade-médium-consulente. Na condição de médium, Rodrigo estabelece de início um lugar de fala maximamente autorizado, já que se coloca como um interlocutor entre a entidade e o consulente.

Partindo dessa cenografia, Rodrigo constrói o *ethos* discursivo de um sujeito revolucionário, crítico da própria religião e franco no seu falar. Para além, ao incorporar esse papel ao longo do seu dizer, transforma-se também em fiador da marca Umbanda EAD. Sendo assim, podemos afirmar que há uma dupla pretensão nesse discurso: uma religiosa e a outra mercadológica.

Ainda, percebemos a partir da análise realizada que adaptar-se ao ambiente midiático constitui um sério desafio para o enunciador, já que a dinâmica característica do meio lhe impõe coerções e ameaças pelas constantes intervenções simultâneas de seus interlocutores. Uma situação atípica para o ambiente do terreiro e sua posição como médium.

Sob um aspecto mais amplo, observamos também que a aproximação da religião à lógica do espetáculo subverte em certa medida a dicotomia presente na relação entre a noção de sagrado e profano, nitidamente constituída na forma presencial e espacial do terreiro. No ambiente online, a condição de sacralidade se dissolve, apontada para uma possível ocorrência não mais no terreiro e nem no ambiente midiático no qual a live ocorre, mas na própria casa do espectador, orientado a produzir os rituais em seu ambiente doméstico. Tal dissolução ressalta a dimensão mercadológica de toda a empreita, visto que o enunciador constitui fala indicativa da possibilidade de aquisição de produtos e conhecimentos em seus canais *e-commerce*.

Assim, curiosamente a noção de sacralidade virtualiza-se, no sentido de tornar-se virtualmente (i. e. não necessariamente) possível, sendo a ação de consumo – tanto das lives quanto dos produtos nelas oferecidos o caminho a ser percorrido para o eventual alcance do sagrado. Deste modo, o *ethos* discursivo constituído aponta para condição na qual o sacerdote deixa a condição de meio (daí a utilização do termo *médium*) para outra, de intermediário, uma vez que passa a oferecer, em lugar do contato com as entidades, os meios para que o espectador o faça por conta própria. Neste contexto, a religião subordina-se à lógica do consumo de bens materiais e imateriais, implicando alterações que futuramente serão analisadas em outros artigos.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. Incomunicação e Imagem. *In: BAITELLO JÚNIOR, Norval et al. (Orgs.) Os Meios da Incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 71-80.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BARTHES, Roland. **La Aventura semiológica**. Barcelona: Paidós, 1993.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONTRERA, M. S. Ontem, hoje e amanhã – sobre os rituais midiáticos. **Revista FAMECOS**, v. 12, n. 28, p. 115-123, 13 abr. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2005.28.3343>. Acesso em: 15 out. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas-SP: Pontes, 1987.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

KLEIN, Alberto. A religiosidade da mídia e o fim dos iconoclastas. *In*: KLEIN, Alberto *et al.* (Orgs.). **O espírito do nosso tempo: ensaios de semiótica da cultura e da mídia**. São Paulo: Annablume; CISC, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas – SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas – SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas – SP: Pontes, 2011.

QUEIROZ, Rodrigo. **Ao Vivo Extraordinário Perguntas e Respostas Ed. 81 com Pai Rodrigo Queiroz**. Youtube, agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnB2wgEvOdU&t=1930s>. Acesso em: 30 jun. 2020.

QUEIROZ, Rodrigo. **Umbanda 111 Anos: Ao Vivo Ed.92 - Umbanda EAD - Rodrigo Queiroz**. Youtube, novembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4AiLyg4Qn1k&t=17s>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. O eclipse do imaginário: imaginário instrumental e redução da potência imaginativa das imagens. **MATRIZES**, v. 14, n. 2, p. 119-141, 2020.